

## **Análise da dinâmica do capital de giro da JBS no entre crise, avaliando os anos de 2013 até 2018.**

**Brenda Ellen Semek, Italo José Cardoso Dos Santos, José Alexandre Ferreira, Yuri Andrei Freire Marciniuk**

**Resumo:** O objetivo geral desta pesquisa é analisar o comportamento da estrutura financeira da JBS durante o período de 2013 a 2018. Em específico, também analisar o comportamento do capital de giro da empresa nesse período e verificar como a liquidez da empresa se comportou nesse período. Ao analisar as demonstrações financeiras da JBS, empresa que atua no ramo alimentício e que é considerada uma gigante brasileira, pode-se perceber que ela também não ficou de fora dos eventos da crise. Através da observação dos Balanços Patrimoniais e das Demonstrações de resultados, antes, durante e pós-crise da empresa se verificou qual o impacto causado na estrutura financeira da organização e como se comportou o capital de giro, elemento crucial para a continuidade das operações.

**Palavras chave:** Crise, Capital de giro, Demonstrações financeiras, Organização.

### **ANALYSIS OF THE DYNAMICS OF THE JBS WORKING CAPITAL IN THE BETWEEN CRISIS, EVALUATING THE YEARS FROM 2013 TO 2018.**

**Abstract:** The general objective of this research it's analyze the behavior of JBS financial structure during the period from 2013 to 2018 and, specifically, to analyze the behavior of the working capital of the company during this period, as well as to verify how the company's liquidity behaved during this period. Financial statements of JBS, a food company considered one of the brazillian giants, , can be seen to have not been left out. By observing the Balance Sheets and Income Statements, before, during and after the crisis of the company, it was verified the impact on the financial structure of the organization and how the working capital behaved, a crucial element for the continuity of operations.

**Key-words:** Crisis, Working capital, Financial statements, Organization.

#### **1. Introdução**

A administração financeira é uma das principais atividades realizadas para manter uma organização em funcionamento no mercado. Segundo Silva et al (2016) os administradores devem estar atentos nas influencias que modificam a estrutura financeira da empresa tanto no aspecto interno, quanto as dinâmicas externas.

O cenário brasileiro passou por uma recessão na economia entre 2014, 2015 e 2016. Durante o período, segundo as informações obtidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB caiu cerca de 7,7%, levando em consideração o 1º trimestre de 2014, quando começou a decair, e cujo ápice foi o 2º trimestre de 2016. De acordo com o IBGE, a taxa de desemprego atingiu 12,7% em 2017, o que representa cerca de 13 milhões de desempregados no ano. Comparado com a taxa de 2014, a população desempregada aumentou em 86,4%. Essa taxa é reflexo da crise que gerou consequências em cadeia e afetou toda a indústria e comércio, reduzindo o consumo, aumentando a inadimplência e outros índices tóxicos para o desenvolvimento do país.

Este artigo tem como objetivo; através do diagnóstico das demonstrações financeiras da empresa da JBS entre o ano de 2013 até o ano de 2018; visualizar e analisar a dinâmica da

estrutura financeira para verificar qual foi a reação que a crise causou na capacidade de pagamento e na necessidade de capital de giro da organização no período.

Para melhor compreensão, primeiro se deve ter um conhecimento básico da empresa. Segundo informações retiradas do site da própria, a JBS é uma empresa do ramo alimentício que possui um portfólio de produtos bem diversificado e dezenas de marcas como: Seara, Swift, Friboi, Dorian, Moy Park, Pilgrim's, Primo, Gold KistFarms, Pierce e 1855, entre outras. O negócio teve o capital aberto na BM&FBovespa em 2007 e conta com um elevado nível de governança corporativa no mercado de capitais do Brasil.

Diante disso impomos a problemática: "A crise esteve presente em todas as empresas do terreno nacional, qual foi o comportamento da estrutura financeira da JBS nos períodos correspondentes, mais específico entre os anos de 2013 a 2018?". Diante disso o objetivo geral visa análise do comportamento da estrutura financeira da JBS durante o período de 2013 a 2018. Especificamente, o comportamento do capital de giro da empresa e também verificar como a liquidez da empresa se comportou no período. Quanto à relevância, o estudo é de extrema importância, pois existem poucos trabalhos que tratam do tema "capital de giro". Como objeto de estudo, a JBS é uma gigante nacional que influencia tanto na economia do país quanto as vidas dos cidadãos brasileiros.

## 2. Administração Financeira

Para uma boa administração financeira devem-se levar em conta aspectos que garantiram longevidade à organização e contínua manutenção das atividades. Através de dados obtidos nas demonstrações financeiras pode-se ter um panorama da saúde financeira da organização. Zanluca (2016) cita a liquidez como um índice que tem por sua finalidade avaliar o quanto a empresa tem disponível para pagamento frente suas obrigações. Marques (2016) cita o conhecimento do capital de giro, pois é através deste que a empresa financia o seu giro e o seu desenvolvimento. O giro envolve desde compra de matérias-primas, produtos para estoque, pagamento de fornecedores/impostos e o salário dos funcionários.

### 2.1 Classificação dos capitais

O conhecimento dos capitais dispostos na organização é indispensável. Quanto à origem dos capitais, podem ser próprios ou de terceiros. Segundo Domingues (2016), o Capital Próprio (CP) tem a ver com o Patrimônio Líquido de uma empresa, tendo suas origens nos lucros da própria organização e no capital social, que nada mais são do que os recursos vindos de sócios e acionistas. Ainda segundo o autor, tem-se o Capital de Terceiros (CT) que está ligado com o Passivo Exigível, que envolve os recursos e investimentos dispostos por entidades externas à organização.

A utilização do CT é ambígua nos benefícios e malefícios à organização. Domingues (2016) diz que as vantagens do uso do capital de terceiros envolvem maior autonomia do negócio, e também maior previsibilidade das obrigações. Entretanto, mesmo com tudo isso ainda há riscos na utilização de tal fonte, pois majoritariamente esta forma de capital gera juros.

Em contrapartida, há riscos ao empregar capital próprio. Segundo o autor, há perda na autonomia de gestão, pois toda ação tomada deverá ser consultada por acionistas, mas propicia segurança em caso de falência, minimizando prejuízos. Assim, o administrador deverá utilizar o capital mais vingueiro. Alguns capitais exigem remuneração (custo), assim temos os capitais onerosos e não onerosos e uma terceira classificação quanto ao tempo,

onde se tem as fontes permanentes (exigível a longo prazo + Patrimônio Líquido) e as não permanentes (Passivo Circulante).

## 2.2 Demonstrações Financeiras

Demonstrações financeiras são ferramentas utilizadas para a visualização da estrutura monetária da empresa. Tais demonstrações utilizadas para o estudo são: os Balanços Patrimoniais e as Demonstrações de Resultados do Exercício (DRE). O Balanço Patrimonial representa situação financeira e patrimonial da empresa em um tempo específico, evidenciando o ativo, passivo e patrimônio líquido. Segundo FIPECAFI (1995, p. 34), “o balanço patrimonial tem por finalidade apresentar a posição financeira e patrimonial da empresa em determinada data, representando, portanto, uma posição estática”. A Demonstração de Resultado do Exercício busca demonstrar de forma detalhada os fatores que modificam o patrimônio da empresa em um período específico. É a estruturação que contempla custos, despesas, etc. Para Ludícibus (1998), a DRE evidencia todas as despesas deduzidas da receita, apurando o lucro, ainda sem os grupos de despesas. Através da análise dos dados desses demonstrativos, o gestor financeiro obterá as informações necessárias para realizar suas atividades com segurança.

## 2.3 Liquidez x rentabilidade

Para Braga (1998), liquidez e rentabilidade devem equilibrar-se, por isso se deve sempre buscar esta preservação. Segundo Martins e Assaf Neto (1996, p. 245) “os indicadores de liquidez visam medir a capacidade de pagamento de uma empresa, ou seja, sua habilidade em cumprir corretamente as obrigações passivas assumidas”. Ela apresenta índices para facilitar a contabilização:

a) Liquidez Corrente: Para Matarazzo (2010), é a capacidade de geração de recursos para o pagamento das dívidas da empresa no curto prazo (até o final do próximo período corrente). Para cada R\$ 1,00 de dívida em curto prazo, quanto a empresa possui disponível para quitá-la. Assim, uma LC inferior a R\$ 1,00 indica problemas nos pagamentos a serem efetuados no próximo exercício social. Segundo Zanluca (2016), o cálculo pode ser feito com os recursos de e dívidas de curto prazo que a empresa possui, sendo representadas no Patrimônio Líquido como as contas Ativo Circulante e Passivo Circulante;

b) Liquidez Seca: Matarazzo (2010) mede a geração de caixa no prazo menor que 90 dias, ou seja, no curtíssimo prazo. Para efeitos de recebimento de recursos, somente são considerados os com rápido recebimento, ou seja, o “Disponível” que são recursos em caixa, bancos e títulos negociáveis imediatamente. “Títulos a Receber”, normalmente são associados a clientes que, mesmo que tenham vencimento superior a 90 dias, podem ser negociados via desconto bancário e quaisquer outros ativos que possuam rápida conversibilidade em dinheiro. Para Zanluca (2016), a liquidez seca é similar à liquidez corrente, mas exclui estoques do cálculo;

c) Liquidez Geral: A esta, Matarazzo (2010), demonstra capacidade de pagamento das dívidas da empresa no curto e longo prazo. Para cada R\$1,00 devido, quanto à empresa terá disponível. Uma liquidez geral maior que R\$1,00 indica folga financeira quanto ao cumprimento das obrigações de longo prazo; inferior a R\$1,00 indica possíveis problemas no pagamento das dívidas. Pimentel (2010, p 278) nos relata que “a rentabilidade pode ser definida como a medida final do grau de êxito econômico obtido por uma empresa em

relação ao capital nela investido. Esse êxito econômico é determinado pela magnitude do lucro líquido contábil". Segundo o autor, quanto maior a rentabilidade maior o risco corrido.

Assim como a liquidez, a rentabilidade apresenta índices que facilitam sua contabilização:

a) Giro do Ativo: O índice de giro do ativo demonstra proporção entre as vendas de determinada empresa e os investimentos que nela feitos, que são representados pelo valor do seu ativo total. Para Matarazzo (2010), quanto maior o valor encontrado para esse índice, melhor será para a empresa;

b) Margem líquida: O índice de margem líquida demonstra a lucratividade das vendas. Verifica-se que a cada R\$100,00 em vendas, a empresa obterá determinado percentual de lucro. Ao se calcular o índice, segundo Matarazzo (2010), é possível seguir a margem líquida da empresa e verificar alterações. Quanto maior o valor encontrado para esse índice, melhor será para a empresa;

c) Rentabilidade do Ativo: O índice de rentabilidade do ativo demonstra uma proporção entre o lucro obtido os investimentos que feitos em determinada empresa, representados no valor do ativo total. Segundo Matarazzo (2010), a cada R\$100,00 investidos na empresa (capital próprio e capital de terceiros), o lucro será de determinado percentual;

d) Rentabilidade do Patrimônio Líquido: O índice de rentabilidade do patrimônio líquido representa proporção de lucro obtido e o valor do próprio capital (patrimônio líquido). Exemplo: Para cada R\$100,00 investidos pelos sócios na empresa, se observará que o lucro será um percentual do valor investido.

## 2.4 Análise das Demonstrações Financeiras

O administrador financeiro poderá contar com outros métodos que transformaram os dados nas demonstrações financeiras em informações para diagnóstico da situação e da dinâmica dos capitais dentro da empresa. Segundo Ribeiro (2009), assim que o processo contábil termina o processo de análise começa. O trabalho do analista se inicia quando o contador termina seu trabalho, pois demonstrativos contábeis são fontes de dados para analistas transformarem em dados. Para Oliveira (2010), análise horizontal tem o objetivo de apontar as principais variações das demonstrações contábeis, se utilizando de períodos e buscando caracterizar tendência. Ela busca verificar o crescimento da estrutura durante o período. Ainda segundo o autor, análise vertical consiste na divisão dos itens do ativo pelo total do mesmo, que também acontece para o passivo, onde se divide as estruturas do passivo pelo total do mesmo. Obtém-se a porcentagem que cada índice ocupa na estrutura. A análise dinâmica é formada por capital de giro (CDG), necessidade de capital de giro (NCG) e saldo de tesouraria (ST). Fleuriet (1978) nos relata que o Capital de Giro (CDG) é a diferença entre as contas Passivas Não Circulantes (PNC) e os Ativos Não Circulantes (ANC). Quanto ao PNC, estão inclusos tanto os Passivos Exigíveis em Longo Prazo quanto o Patrimônio Líquido. Já com o ANC, estão envolvidas as contas Ativos Realizáveis em Longo Prazo e o Ativo Permanente. A Necessidade de Capital de Giro (NCG) é formada pela diferença entre Ativos e Passivos Operacionais, podendo ser positiva e negativa. Positiva quando o ciclo operacional for maior que o prazo médio de pagamento e negativa quando o contrário ocorrer. A NCG positiva está ligada a evolução das vendas da empresa. Se o volume de negócios cresce, a demanda de CDG aumenta. Caso não ocorra, a empresa recorre a capital financeiro de curto prazo, apresentando Saldo de Tesouraria (ST) negativo, apesar do crescimento das vendas. O Saldo de Tesouraria (T) é composto pela diferença entre os Ativos

Financeiros (AF) e Passivos Financeiros (PF) de Curto Prazo, positivo e negativo. Ela fica positiva quando os AF forem superiores aos PF e negativa quando o contrário ocorrer.

## 2.5 Ciclo operacional

Para Assaf (2005), o capital de giro são recursos disponíveis para as aplicações a curto prazo, operações e o espaço de tempo em que essas giram denomina-se Ciclo Operacional. Assim de modo simples, pode se definir ciclo operacional como tempo gasto desde aquisição do produto até recebimento do resultado da venda. O tempo é calculado através da fórmula:

$$C.O = PMRE + PMRV$$

a) Prazo médio de renovação de estoques (PMRE): Para Diniz (2015) representa o prazo em dias que a empresa leva para renovar o estoque. O índice deve ser o menor possível. Com a diminuição de um ano para o outro, a empresa está mais eficiente com o giro do estoque;

b) Prazo médio de recebimento de vendas (PMRV): Segundo Diniz (2015) é o prazo em dias que uma empresa leva para receber as vendas a prazo. Quanto menor os números de dias melhor é o índice. A diminuição de um ano para o outro significa que a empresa tem obtido melhores resultados com as vendas a prazo. Outra variável também interfere na dinâmica da necessidade do capital de giro, o Ciclo Financeiro ou Ciclo de Caixa. Para Assaf Neto (2012):

[...] é o período de tempo existente desde o desembolso inicial de despesas até o recebimento do produto da venda. Para uma indústria, por exemplo, esse ciclo corresponde ao intervalo verificado entre o pagamento das matérias-primas (note que não é a data da compra, pois a mesma poderá ocorrer antes, caso a aquisição seja efetuada a prazo) e o recebimento pela venda do produto elaborado (da mesma forma, não se refere ao momento da venda, e sim ao do efetivo recebimento).

O Ciclo Financeiro é obtido através da fórmula:

$$C.F = C.O - PMPC$$

c) Prazo médio de pagamento de compras (PMPC): Segundo Silva (p.323, 1998) “o prazo médio de pagamento de compras, indica quantos dias, em média, a empresa demora a pagar seus fornecedores”. Dispondo do C.F. e valor das vendas diárias da empresa, o gestor financeiro calcula a necessidade de capital de giro para o ciclo operacional e financeiro.

## 3. Metodologia

De acordo com os objetivos do trabalho, utilizamos pesquisa exploratória. Gerhard e Silveira (2009, p.35) dizem que “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. A natureza da pesquisa classifica-se como básica. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.51) “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Quanto à abordagem do problema, se classifica como quantitativa. Prodanov e Freitas (2013, p.70) afirmam que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Quanto aos procedimentos, optou-se pelo estudo de caso onde Raymundo (2017, [on-line]) relata que “esse tipo de pesquisa trata de acontecimentos contemporâneos, inseridos no contexto da vida real. A escolha pelo método ocorre principalmente quando o objeto a ser estudado é raro, único ou representativo de uma subcultura pouco explorada.”.

## 4. Análise de dados e resultados



Através das demonstrações financeiras serão extraídos dados para seguintes análises:

#### 4.1 Análise vertical e horizontal

Começando a análise se tem que o crescimento da empresa foi notado um percentual de 65,58%, partindo de um valor de R\$ 68.937.980,00 em 2013 e chegando a R\$ 114.145.831,00 em 2018. Conforme o gráfico:



Gráfico 1 – Crescimento da Empresa  
Fonte: B3 (2018)

Observa-se nas contas do **Ativo** que o circulante manteve o padrão de representatividade em relação ao total dos ativos. Em contra partida se tem uma mudança nos valores do não circulante (que no ano de 2013 representava 58,06% do ativo total, passando a representar 67,67% do total no ano de 2018). Mesmo não parecendo significativo, deve se lembrar de que o ativo total nestes dois períodos é diferente.

Através de análise horizontal, verifica-se que o valor do ativo não circulante dobrou no período, pois houve aumento de 93% do valor que, em 2013 era R\$ 40.024.497,00 e passou a ser R\$ 77.246.282,00 em 2018. Esses valores podem ter sido destinados às contas de imobilizado e/ou intangíveis. Visto no seguinte gráfico:

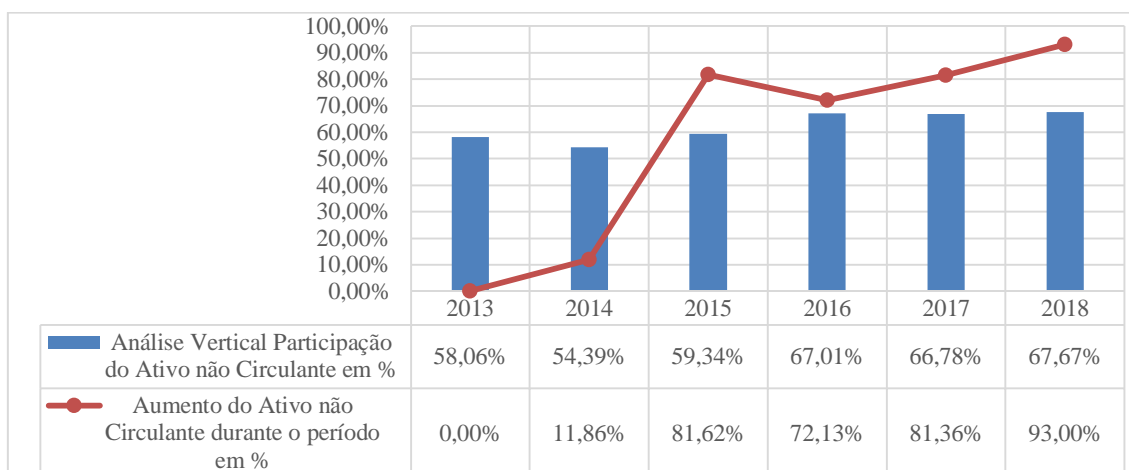


Gráfico 2 – Participação do Ativo não circulante  
Fonte: B3(2018)

No **Passivo**, o que chama a atenção são os empréstimos e financiamentos de curto prazo durante a crise, onde houve um aumento em relação a 2013 de 121,68% em 2015 e de 92,42% em 2016. Quanto aos empréstimos e financiamento em longo prazo, foi constatado

um aumento de 128,16% no intervalo entre 2013 e 2018, indo de R\$ 23.330.449,00 para R\$ 53.230.893,00.

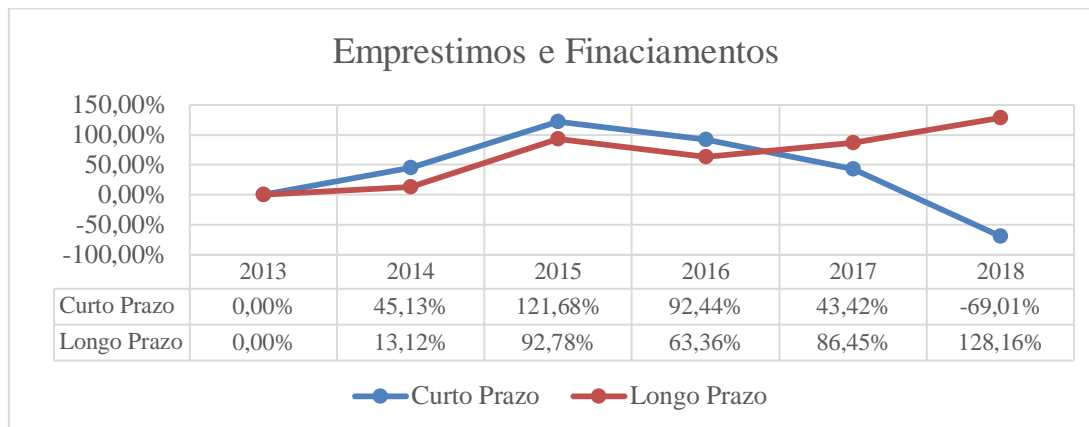


Gráfico 3 – Empréstimos e Financiamentos  
Fonte: B3(2018)

Em 2013, o valor de R\$ 92.902.798,00 foi para R\$ 181.680.244,00 em 2018, um aumento de 95,56%. Primeiramente isso parece formidável, mas quando se observa os lucros, a situação parece turva, pois estes tiveram uma redução de 81,21%.

A tabela abaixo apresenta a variação dos lucros nos 6 anos estudados:

| 2013         | 2014         | 2015         | 2016       | 2017         | 2018       |
|--------------|--------------|--------------|------------|--------------|------------|
| 1.118.325,00 | 2.406.427,00 | 5.128.647,00 | 565.088,00 | 1.025.469,00 | 210.116,00 |

Fonte: B3(2018)

Tabela 1 – Lucro Líquido da JBS (R\$)

Parece contraditório que os lucros não acompanhem as receitas de forma proporcional, mas pode-se explicar isso. Como foi identificado na análise horizontal do passivo, houve aumento nos empréstimos e financiamentos de curto e longo prazo. Estes geraram despesas financeiras, abatidas das receitas, e propiciaram um lucro menor.

Observa-se que as despesas financeiras subiram 166,39%, em relação ao primeiro ano. Durante a crise, a JBS recorreu empréstimos e financiamentos, que é um capital oneroso, e demanda pagamento de juros para manter giro e investimentos em ativos permanentes. Mas “Como a crise interferiu tanto nos resultados?”. É provável que possa ser devido a taxa de juros conhecida como SELIC.

É uma política monetária definida pelo Banco Central para ajustar a remuneração do capital das instituições financeiras. No início de 2014 era de 10,40% a.a. chegando a atingir 14,15% a.a. em 2015 e 2016. Ela se manteve neste patamar até setembro de 2017 quando começou a despencar gradativamente (BACEN).

#### 4.2 Análises dos índices financeiros

Após as análises vertical e horizontal, serão trabalhados os índices financeiros. Começamos com a liquidez, que é um importante indicador. Através dele pode se obter um parecer da saúde financeira da organização em um determinado tempo, essas informações são fundamentais para auxiliar o gestor financeiro no processo de tomada de decisões e

planejamento (Clemente, 2017). Assim será analisado se a empresa foi capaz de cumprir com suas obrigações no período da crise, através da liquidez geral, exposto no gráfico a seguir o valor que a empresa detinha no ano para quitar cada R\$ 1 das suas obrigações.

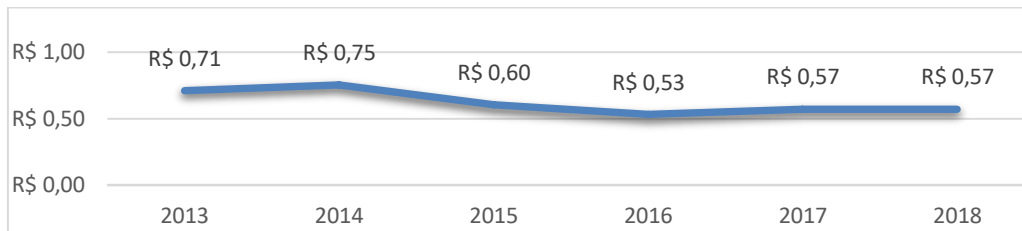


Gráfico 4 – Liquidez Geral  
Fonte: B3(2018)

Observando o gráfico pode-se notar que a empresa possui liquidez insuficiente para honrar com suas dívidas totais, o que pode ser um impacto do aumento de empréstimos e financiamentos no período. No próximo índice vai ser visualizado a rentabilidade do ativo, ou seja, onde pode ser observado o quanto cada R\$ 1 de investimento em ativos gerou de vendas líquidas. Segue o gráfico das demonstrações dos índices contábeis:

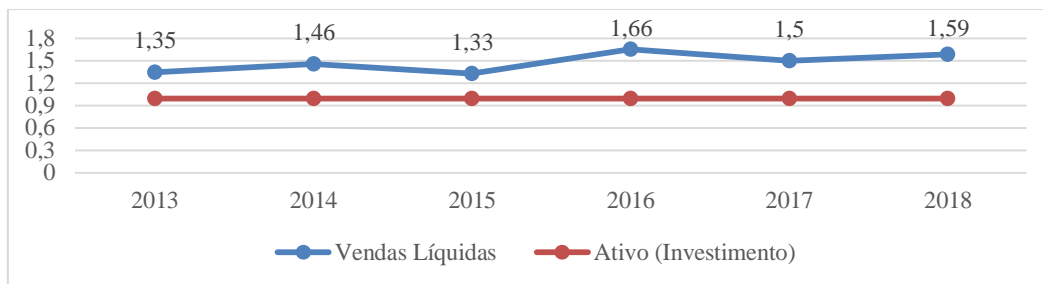


Gráfico 5 – Giro do Ativo  
Fonte: B3(2018)

Analisando o período de crise, pode-se observar que o giro do ativo recuou apenas no ano de 2015. Voltando a normalizar no ano de 2016, observa-se que o aumento das vendas acompanhou o aumento do ativo, mantendo o giro estável. Como foco é a dinâmica do capital de giro, a seguir será disposto a análise dinâmica da empresa no período.

### 4.3 Análise Dinâmica – Modelo de Fleuriet

O modelo de Fleuriet analisa a liquidez e a estrutura de financiamento das organizações. Segundo Nascimento et al (2012) “A correta aplicação do modelo permite identificar a necessidade de investimento no giro dos negócios e o volume de recursos de longo prazo que financiam o giro”. Como visto no referencial, o modelo se baseia em três variáveis que formam seis modelos de classificação.

Baseando-se no referencial fica entendido que o NCG (Necessidade de Capital de Giro) é o investimento líquido necessário para manutenção das atividades. E o CDG (Capital de Giro) é o valor disposto para o giro e uma fonte permanente já que é representada pela fórmula PNC-ANC. O ST (Saldo de Tesouraria) de uma maneira simples é o capital financeiro. O seguinte gráfico apresenta o comportamento desses fatores no decorrer dos anos entre 2013 e 2018.



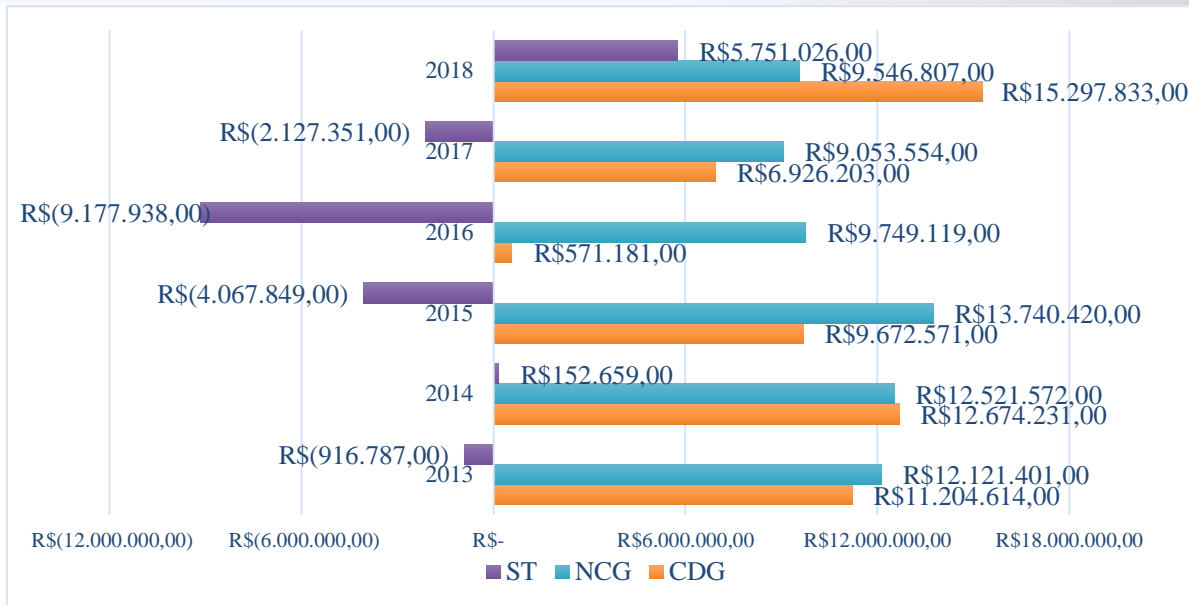


Gráfico 6 – CDG, NCG E ST  
Fonte: B3(2018)

Quando o ST é positivo, significa que a empresa possui condições de quitar suas obrigações financeiras de curto prazo e ainda alocar recursos para investir no giro do período. Já quando a empresa apresenta um ST negativo, a organização dependeu de empréstimos e financiamento a curto prazo para fechar o valor para giro do período.

Se observarmos isoladamente os anos de 2014, 2015 e 2016, se tem uma visão mais detalhada do comportamento do capital de giro durante a crise. É evidente as anormalidades no CDG e no ST durante o período, como visto no gráfico. Em 2014 a JBS ainda conseguiu financiar suas operações com recursos de longo prazo, situação que se inverte no ano de 2015, quando a empresa já não consegue suprir o giro apenas com os recursos não circulantes e necessita de recursos financeiros de curto prazo para suprir a NCG. Ou seja, recorre a capital de terceiros onerosos.

Como foi visto na análise vertical houve um aumento nos empréstimos e financiamentos de curto prazo. A situação se agravou em 2016, onde o ST permaneceu negativo significando mais recursos originado de fontes onerosas a curto prazo com a taxa de juros alta.

Segundo a tipologia do modelo de Fleuriet (1980), os balanços se classificam em seis tipos:

| Tipo / Item | CDG | NCG | ST | Situação       |
|-------------|-----|-----|----|----------------|
| I           | +   | -   | +  | Excelente      |
| II          | +   | +   | +  | Sólida         |
| III         | +   | +   | -  | Insatisfatória |
| IV          | -   | -   | +  | Alto risco     |
| V           | -   | -   | -  | Muito ruim     |
| VI          | -   | +   | -  | Péssima        |

Nota: (+) indica valor positivo, e (-) indica valor negativo.

Fonte: Adaptação Marques e Braga (2015)

Quadro 01 – Classificação dos Balanços

Será analisado em qual tipo cada ano está classificado e a sua situação, dando ênfase no durante e pós-crise. Na tabela abaixo considere (+) positivo e (-) negativo.

| ANO         | CDG | NCG | ST | SITUAÇÃO                  |
|-------------|-----|-----|----|---------------------------|
| <b>2013</b> | +   | +   | -  | Tipo III – Insatisfatória |
| <b>2014</b> | +   | +   | +  | Tipo II – Sólida          |
| <b>2015</b> | +   | +   | -  | Tipo III - Insatisfatória |
| <b>2016</b> | +   | +   | -  | Tipo III - Insatisfatória |
| <b>2017</b> | +   | +   | -  | Tipo III - Insatisfatória |
| <b>2018</b> | +   | +   | +  | Tipo II – Sólida          |

Fonte: Autoria Própria (2019)

Tabela 2 – Classificação dos Balanços da JBS nos anos de 2013 até 2018

O Tipo II indica uma estrutura sólida onde as fontes de longo prazo irão garantir a continuidade do giro, e manterá o ST positivo para outros investimentos, já que a empresa consegue quitar suas obrigações financeiras de curto prazo. O Tipo III apresenta uma situação insatisfatória onde os recursos de longo prazo são insuficientes para o giro operacional e há uma necessidade em completar o NCG com recursos onerosos de curto prazo (Marques & Braga, 1995).

Partindo agora para a análise do ciclo operacional, que considera outra variável além do capital, o C.O. indica o tempo do giro calculado através da soma do prazo médio de renovação dos estoques e o prazo médio de recebimento da venda. Através da análise das demonstrações da JBS, se chegou aos resultados de quantos dias demora o ciclo operacional da empresa, apresentados na tabela abaixo:

|      | 2013  | 2014  | 2015  | 2016  | 2017  | 2018  |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| PMRE | 30,67 | 29,26 | 28,50 | 23,20 | 25,01 | 26,21 |
| PMRV | 34,56 | 28,62 | 26,78 | 20,26 | 20,59 | 19,14 |
| C.O. | 65,23 | 57,88 | 55,28 | 43,47 | 45,60 | 45,35 |

Fonte: Autoria Própria (2019)

Tabela 3 – Ciclo Operacional

Assim fica disposto o Ciclo operacional, como visto no referencial, que quanto menor for, melhor será. Ele indica que a empresa está mais ágil, deixando os produtos estocados por menos tempo, evitando custos com armazenamento e recebendo o montante das vendas em um tempo menor também e assim proporciona um maior retorno do negócio e do dinheiro no caixa. Ao analisar os dados da JBS fica evidente que mesmo com a crise o C.O. continuo diminuído, devido ao aumento das vendas no decorrer dos anos. Já o Ciclo financeiro, ou Ciclo de caixa, se encontra conforme a tabela a seguir:

|      | 2013  | 2014  | 2015  | 2016  | 2017  | 2018  |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| PMPC | 23,23 | 24,23 | 31,23 | 26,15 | 25,79 | 29,99 |

|      |    |       |       |       |       |       |
|------|----|-------|-------|-------|-------|-------|
| C.F. | 42 | 33,65 | 24,05 | 17,32 | 19,81 | 15,36 |
|------|----|-------|-------|-------|-------|-------|

Fonte: Autoria Própria (2019)

Tabela 4 – Ciclo Financeiro

Ao contrário do C.O., quanto maior o C.F melhor, pois se refere ao prazo para quitação das obrigações. Enquanto não realiza esse pagamento, a organização poderá trabalhar com o crédito dado pelo fornecedor. Em outras palavras, utilizar o capital de terceiros não oneroso para manter o giro das suas atividades. Mas esse não é o caso da JBS. Em compensação ao C.O, o C.F. também diminuiu no decorrer do período, o que é ruim, pois indica que a empresa financiou as compras com seu capital ou de terceiros onerosos. Assim, a JBS deve possuir o capital para garantir o giro quando o C.F. fechar. Como já foi visto, o NCG é a quantidade necessária de capital de giro para o período, calculado através das vendas diárias e multiplicado pelo Ciclo de Caixa, se obtém o NCG para o período. Assim a JBS deve ter em R\$:

| NCG em R\$    |               |               |              |              |              |
|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------|--------------|
| 2013          | 2014          | 2015          | 2016         | 2017         | 2018         |
| 10.837.890,25 | 11.260.724,03 | 10.883.025,50 | 8.197.555,25 | 8.979.290,76 | 7.752.536,36 |

Fonte: Autoria Própria (2019)

Tabela 5 – NCG para giro do período

Para conseguir honrar os compromissos em curto prazo (ciclo financeiro) e garantir a manutenção do giro, no decorrer desses anos de 2013 até 2018.

## 5. Considerações finais

Através da interpretação dos dados das demonstrações financeiras e com as análises feitas para se extrair informações, é evidente o impacto causado pela recessão econômica na estrutura financeira da organização. Atingindo seus resultados, e principalmente distorcendo o capital de giro que foi o alvo de estudo do trabalho. Observou-se que durante o período de crise, a empresa precisou socorrer-se com capital de terceiros, empréstimos, para conseguir completar o NGC e realizar os giros. Devido às manobras, a JBS ficou à mercê da taxa de juros alta do entre crise. Ela afetou a estrutura da empresa nos anos seguintes, como visto no valor elevado para custear as despesas financeiras pós-crise. Mas seguindo o rumo que a JBS ficou após 2017, em um curto espaço de tempo a organização tende a superar esse pequeno empecilho e alavancar seus lucros.

## Referências

ASSAF NETO, A. **Finanças Corporativas e Valor**. 2 ed. São Paulo: Atlas,2005.

B3.**BM&Fbovespa Relatórios Estruturados, Ações, JBS S/A**.Disponível em: <[http://www.b3.com.br/pt\\_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm?codigo=20575](http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm?codigo=20575)>.Acesso em: 30 jun.2019.

BACEN. **Taxa de Juros Brasil**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/txjuros>>. Acesso em: 30 jun.2019.

CLEMENTE, L. **Afinal, o que é o índice de liquidez?**,2017. Disponível em: <<https://blog.inepadconsulting.com.br/afinal-o-que-e-o-indice-de-liquidez/>>.Acesso em: 29 jun.2019.

DO NASCIMENTO, C. et al. Tipologia de Fleuriet e a crise financeira de 2008. **Revista Universo Contábil**, v. 8, n. 4, p. 40-59, 2012.

FIPECAFI – Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuarias e Financeiras. **Manual de contabilidade das sociedades por ações**. São Paulo: Atlas, 1995.

FLEURIET, M; KEHDY, R; BLANC, G. **A Dinâmica financeira das empresas brasileiras**. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Dom Cabral, 1980.

GERHARD, T.E; SILVEIRA, D, T. **Métodos de pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IBGE. **Instituto Brasileiro de geografia e estatística**. Contas nacionais. Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=series-historicas&utm\\_source=landing&utm\\_medium=explica&utm\\_campaign=pib%23evolucao-pib#evolucao-pib](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=pib%23evolucao-pib#evolucao-pib)>. Acesso em: 31 jun.2019.

IUDÍCIBUS, S. **Contabilidade gerencial**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, S. de; MARION, J. C. **Introdução à teoria da contabilidade para o nível de graduação**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JBS.**A maior empresa do mundo em produtos de origem animal**. Disponível em: <<https://jbs.com.br/sobre/>>.Acesso em : 31 jun.2019.

MARQUES, J.A.V.D. C; BRAGA, R. Análise dinâmica do capital de giro: o modelo Fleuriet. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 49-63, 1995.

MARTINS, E; ASSAF NETO, A. **Administração financeira**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, A.A. D et al. A análise das Demonstrações Contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações. **Revista Eletrônica: Gestão e Negócios**, v. 1, n. 1, p. 1, 2010.

PIMENTEL, R.C; BRAGA, R; CASA NOVA, S.P.D.C. Interação entre rentabilidade e liquidez: um estudo exploratório. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, v. 10, n. 2, 2010.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C.D. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAYMUNDO, R.T. **Estudo de caso TCC: entenda o que é e veja como elaborar o seu**,2017. Disponível em: <<https://viacarreira.com/estudo-de-caso-tcc/>>.Acesso em:26 set.2019

RIBEIRO, O. M. **Estrutura e análise de balanços fácil**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2009